

**A + B (16 set. 1886)\***

A. – Vou dizer-lhe uma cousa incrível, mas verdadeira. Tenho uma ideia...

B. – Guarde-a, guarde-a... Uma ideia, amigo! É encafuá-la; é metê-la nos cafundós do espírito.

A. – Pois sim, mas não há inconveniente em confiá-la a um amigo discreto; não é seguramente botá-la ao meio da rua. Você sabe que as ideias dos homens são como os filhos das mulheres; lá vem a hora... A minha completou agora mesmo os seus nove minutos... Vamos, apare-a nos braços. Sabe que no Recife, não só se desconfia que houve desfalque na Tesouraria, em vez de roubo,<sup>1</sup> mas até já se suspeita que o método ali empregado foi o mesmo do “English Bank”.<sup>2</sup>

B. – Já sei: os tais maços de notas miúdas com uma nota grande por fora, fazendo tudo um conto de réis aparente, mas na realidade uns cento e tantos mil-réis.<sup>3</sup>

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886), DRR (p. 21-24) e OCA2008 (v. 4, p. 660-662). Texto-base: GN. A lista das abreviaturas empregadas encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Telegramas de Pernambuco, datados de 9 de setembro, apareceram na *Gazeta de Notícias* do dia 10 (p. 1, col. 1) sob o título “Roubo na Tesouraria”. O primeiro deles começava assim: “Encontraram-se vazios, esta manhã, os cofres da tesouraria de fazenda provincial.” Outro dizia: “Foram encontradas as chaves falsas com que foram abertos os cofres da tesouraria. / A casa forte havia sido forçada.” Já um telegrama do dia 12, publicado na *Gazeta* (p. 1, col. 1) no dia 13, dizia: “Parece bem averiguado que não houve roubo na tesouraria, e sim uma aparência de roubo, para encobrir desfalques. / Nos exames feitos de tempos em tempos, só se contavam os maços, sem verificação interna, que continham um ou mais contos de réis, supondo-se agora, que esses maços tinham notas grandes por fora e pequenas por dentro, representando quantias insignificantes.”

<sup>2</sup> “English Bank”.] English Bank. – em OCA2008. O desfalque no English Bank of Rio de Janeiro foi descoberto quando se deu o desaparecimento do sr. Inácio Marques de Gouveia, que era pagador e caixa do banco. Na ocasião, o gerente determinou que se examinassem os fundos do banco; o exame revelou o desfalque de cerca de 270.000£. A diretoria da instituição, por sua vez, levou o caso à polícia. (Cf. *Gazeta de Notícias*, p. 1, 28 fev. 1886) O método empregado no desfalque foi, de fato, o mesmo utilizado na tesouraria de Pernambuco, conforme se lê, por exemplo, no relatório apresentado pelo dr. Silva Matos (1º delegado), quando do encerramento do inquérito (*Gazeta*, 3 de agosto de 1886, p. 2, col. 1) e em depoimento de testemunha (*Gazeta*, 24 de agosto de 1886, p. 2, cols. 4 e 5). Ver também a nota 12 em “A + B (12 set. 1886)”.

<sup>3</sup> mil-réis.] mil-réis – em GN (erro tipográfico).

A. – Tal qual.

B. – Mas que ideia lhe deu isso?

A. – Veja lá se adivinha.

B. – Não posso.

A. – Imaginei que algumas das nossas cabeças públicas podem ser assim compostas de uma grande nota por fora e outras miúdas por dentro. Contos de réis de caçoada... Que lhe parece? Fiquei tão contente com esta conjectura, que até me deu vontade de dançar um minuete... Trá-lá-lá, trá-lá-lá, lá-lá... Compreende, não? Uma nota grande, vistosa, cem mil-réis, encapando uma porção de quinhentos réis muito rafados,<sup>4</sup> e embaindo a multidão. A multidão aplaude, crê nos rolos de dinheiro, adivinha outros, e dança como eu, – trá-lá, trá-lá-lá.<sup>5</sup>

B. – Bem pode ser.

A. – Vá ouvindo. Espontaneamente, ou para animar as turbas, um dos presentes grita: “Viva o conto de réis!” Mil vozes repetem: “Viva o conto de réis!” E jura-se que não há menos de um conto de réis, que há até mais. Mas lá vem um que apenas possui uns cento e vinte mil-réis, em notas pequenas e espalhadas, e fica triste, sente-se invejoso, e clama que o conto de réis, embora certo, é falso.

B. – “Embora certo”, confesso que é sublime. Não acham outro meio de desmoralizar esses contos de réis, senão dizer que são falsos, embora certos.

A. – Falso? replicam os outros; é preciso não conhecer dinheiro, para dizer que esta nota é falsa. Não há nada mais verdadeiro; tão verdadeiro como Deus que está no céu.

B. – A sua ideia, entretanto, esbarra numa dificuldade. As notas não podem ficar emaçadas; há despesas... o dono tem de abrir os maços, distribuir o dinheiro...

A. – Há despesas, mas há também crédito. Uma nota grande por fora é a alavanca do crédito intelectual. Para que serviria então a velha instituição dos fiados? Fia-se tudo, até a reputação.

B. – Não sabia desta. Depois é que aparecem os desfalques.

A. – Raro, muito raro.

B. – Como raro?

---

<sup>4</sup> rafados,] ralados, – em DRR e em OCA2008.

<sup>5</sup> trá-lá, trá-lá-lá.] tra la la, tra la la. – em DRR e em OCA 2008.

A. – Quando os desfalques começam a aparecer, a multidão está ocupada com outro conto de réis, – que pode ser verdadeiro ou falso, –<sup>6</sup> mas é outro, e ninguém dá fé dos desfalques, ou todos os desculpam. Aqui entra uma boa liquidação sossegada, e adeus.

B. – Compreendo; refere-se à História.

A. – Deus de Misericórdia, não! Não vou tão longe. A História é uma bela castelã, muito cheia de si, e não me meto com ela. Mas a minha comadre Crônica, isso é que é uma boa velha patusca, tanto fala como escreve, fareja todas as cousas miúdas e graúdas, e põe tudo em pratos limpos.<sup>7</sup>

B. – Se fosse em pratos mal lavados, era capaz de saber também alguma cousa dos dois mil contos daquela companhia francesa, os tais que fomos condenados a pagar.<sup>8</sup>

A. – Não é outra cousa, esses contos são verdadeiros.

B. – Como verdadeiros? Então acha que devemos entregar assim...

A. – Homem dos diabos, não digo isso; digo que esses contos pedidos e concedidos (por ora) são dos que não comportam desfalques. Se houvermos de pagar (*quod Deus avertat*<sup>9</sup>), há de ser em maços certos –<sup>10</sup> certos e contados.

B. – Mas convenha que é horrível; pagar certo e receber errado.

A. – Antes errado que nada. Antes alguma cousa pouca nos cofres e nas cabeças, que uma simples hipótese –<sup>11</sup> uma ou duas. Mas já é tarde; adeus.

B. – Não; leia primeiro este trecho de um discurso do meu amigo Cândido de Oliveira,<sup>12</sup> proferido ontem na câmara dos deputados.<sup>13</sup> Queixa-se de quererem pôr a câmara

---

<sup>6</sup> – que pode ser verdadeiro ou falso, –] que pode ser verdadeiro ou falso, (sem os travessões) – em OCA2008.

<sup>7</sup> A crônica é gênero híbrido, que dialoga com a história, o jornalismo e a literatura. Machado de Assis cronista discorre, frequentes vezes, sobre a natureza desse gênero, em que a reflexão séria e profunda alterna-se e funde-se à linguagem amena da divagação literária. Na última crônica que publicou em vida, com o título de “Crônica”, na *Gazeta de Notícias*, em 1900, incluída pelo compilador das edições Jackson no conjunto de “A Semana”, escreveu ele (caracterizando a esfera de atuação do cronista): “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.” (*Gazeta de Notícias*, p. 1, 11 nov. 1900)

<sup>8</sup> A Fazenda nacional tinha sido condenada pelo Tribunal da Relação (segunda instância) a pagar 2.000 contos de réis à *Société Nouvelle de Forges et Chantiers de la Méditerranée*, por perdas e danos do contrato feito pelo governo com aquela companhia, para a construção de um encouraçado. (Cf. *Gazeta de Notícias*, p. 1, 14 set. 1886)

<sup>9</sup> A expressão latina *quod Deus avertat*, em tradução literal, significa “que Deus afaste”, e em tradução interpretativa, “que Deus nos livre”.

<sup>10</sup> certos –] certos, (com vírgula, sem o travessão) – em OCA2008.

<sup>11</sup> hipótese –] hipótese, (com vírgula, sem o travessão) – em OCA2008.

<sup>12</sup> Cândido Luís Maria de Oliveira (1845-1919), nos debates ocorridos na câmara dos deputados nos dias anteriores, apontou o desprestígio daquela casa. O governo havia proposto aumento de impostos, que a câmara aprovou; depois, o senado aprovou um aumento de despesas, que foi aceito pelo governo (não foi

abaixo do senado.<sup>14</sup> Mas como é que ele ainda não percebeu que o senado tem mais força que a câmara, e deve tê-la?<sup>15</sup>

A. – Lá isso não. Tanto percebeu, que deseja entrar para lá, e com razão, porque o merece.<sup>16</sup> Na Inglaterra, o Sr. Gladstone<sup>17</sup> não deseja nem por sombras que a rainha<sup>18</sup> o meta na câmara dos lords;<sup>19</sup> justamente porque a dos comuns é mais forte. Toda a retórica do mundo não responde a esta comparação sociológica. Agora, mosque-se; até depois.

JOÃO DAS REGRAS.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* (1956).

GN – *Gazeta de Notícias* (1886).

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar (2008).

---

pedida a fusão, isto é, a votação pela assembleia geral, que compreendia as duas casas do parlamento, em que o governo ganharia, pela maioria que tinha na câmara). Isso foi entendido pelo deputado Cândido de Oliveira como contradição, que resultava em desprestígio para a câmara. (Cf. “Câmara dos deputados”, *Jornal do Commercio*, do dia 14, p. 1-2, e do dia 15, p. 3, de setembro de 1886.)

<sup>13</sup> câmara dos deputados] Câmara dos Deputados – em OCA2008.

<sup>14</sup> senado.] Senado. – em OCA2008.

<sup>15</sup> O poder legislativo do Império era delegado à assembleia geral, um órgão bicameral com uma câmara dos deputados e um senado, sendo a assembleia representante da nação brasileira nos termos do artigo 11 da constituição de 1824. A câmara dos deputados era eletiva e temporária, composta por representantes eleitos pelos cidadãos das províncias do Império. O senado era vitalício, mas igualmente eletivo. Cada província tinha direito a eleger tantos senadores quantos fossem metade de seus respectivos deputados, e a província com somente um deputado elegeria um senador. As eleições para o senado eram feitas por listas triplíes; o imperador escolhia, entre os eleitos, o que seria senador. Uma vez escolhidos, os senadores tornavam-se independentes do povo e da coroa; a vitaliciedade de seus mandatos lhes conferia maior prestígio. Cf. HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: Origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/43/172/ril\\_v43\\_n172\\_p7.pdf](https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/43/172/ril_v43_n172_p7.pdf)>.

<sup>16</sup> Cândido Luís Maria de Oliveira seria senador por Minas Gerais de 1887 a 1889. (Cf. <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1534>>.)

<sup>17</sup> Sr. Gladstone] sr. Gladstone – em OCA2008. William Ewart Gladstone (1809-1898): importante político inglês, líder do Partido Liberal, que já havia sido primeiro ministro por três vezes – a terceira neste ano de 1886.

<sup>18</sup> Reinava na Inglaterra, naquela época, a rainha Vitória (1819-1901), cujo reinado se estendeu de 1837 a 1901.

<sup>19</sup> câmara dos lords;] câmara dos lordes; – em DRR; Câmara dos lordes; – em OCA2008.

## Referências

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2WhuO3m>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1956.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: Origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.  
Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>